UM MITO PARA TODOS OS ITALIANOS DE SÃO PAULO

Alexandre Hecker

Introdução

A idéia do herói como um semideus, fruto de relação humana com divindades, remonta aos gregos antigos, que no entanto reservavam este tipo de pensamento à mitologia, identificando-a com um juízo além da filosofia, cuja preocupação diferentemente do mito deveria ater-se "a este mundo". Quem trouxe para a história a concepção da existência real de indivíduos excepcionais, imbuídos de tarefas humanas, foi o pensamento romântico do século XIX. Hegel afirmava que os heróis "enxergam a própria verdade de sua época e de seu mundo – eles vêem a próxima espécie que, por assim dizer, já está formada no ventre do tempo"[1]. Conforme o pensador, as outras pessoas, os homens em geral, seguiam de uma forma cabal os heróis, que representavam "o melhor da época" e geravam "multidões atrás de suas bandeiras"[2].

Os heróis hegelianos, cuja vida atribulada não permitia desfrutar da felicidade acessível aos outros, deveriam ser mirados devotadamente, mas com distância. Se os homens comuns os observassem de perto, poderiam submetê-los a julgamento equivocado, pois "nenhum homem é um herói para o seu camareiro", já que este poderia vê-lo com olhos de repreensão moral. Porém, asseverava Hegel, "uma personalidade tão poderosa tem de pisar em muita flor inocente, esmagando coisas no seu caminho".

Desta forma, para dar plenitude à realização de sua missão como herói, esta semi-divindade deveria permanecer num Olimpo metafórico bastante apartado daqueles que o veneravam e pensavam segui-lo em seu desígnio fantástico. Portanto, o herói ao mesmo tempo em que se mantinha uma entidade pouco conhecida em sua vida concreta, deveria oferecer informações suficientemente capazes de, uma vez hipostasiadas, alimentar a imaginação popular.

---

[1] HEGEL, 1990: 79.

[2] Na sequência cronológica de Hegel, mas ainda em pleno domínio da concepção romântica da história, o escocês Thomas Carlyle, em *On Heroes and Hero Worship and the Heroic in History*, vai ainda mais longe afirmando que "a história universal, a história daquilo que o homem realizou neste mundo, substancialmente outra coisa não é senão a história dos grandes homens que aqui agiram".

Não foi outra a história do pensamento mitológico condividido entre os imigrantes italianos que para São Paulo se dirigiram durante décadas e décadas, formando uma florescente comunidade constituída por mais diversos tipos sociais e políticos. Entre si, estes grupos de interesses diversificados, além da naturalidade, guardavam atitudes de louvação ao conterrâneo Giuseppe Garibaldi.

Para a "colônia paulista", o "herói de dois mundos" foi uma personagem tão distante no tempo quanto unânime na representação, no sentido de que todos os italianos o veneravam, mas não lhe atribuíam exatamente as mesmas qualidades e, muito menos as mesmas funções políticas. Ora avalizador do autoritarismo, ora da democracia, foi monárquico, foi socialista, e até mesmo fascista; algumas vezes representava os ricos da colônia paulista, outras os pobres... De toda a forma o herói seguiu sendo um equivalente universal de troca entre simbologias políticas dos italianos de São Paulo. Não foi diferente na própria Itália, pois embora a unificação do Estado e as primeiras homenagens tenham ocorrido ainda no século XIX, o herói manteve-se em evidência em todas estas décadas e situações históricas diversas que separam os tempos das lutas pela unificação destes que ora vivemos. Assim é que, ainda no ano de 2008, estava sendo atribuído seu nome ao 5.500º logradouro público – entre praças, ruas, monumentos e outros espaços – daquele país.

Em São Paulo, em 1910, quando um busto de Garibaldi foi inaugurado com fulgurante discurso do poeta Olavo Bilac, no mais importante ambiente de lazer da cidade na época, o Jardim da Luz, houve ferrenha disputa, sem consenso, para que todos os grupos políticos e sociais de italianos estivessem presentes e manifestassem seu apreço ao herói.

São Paulo foi o Estado brasileiro que abrigou o maior número de imigrantes italianos, considerando o período todo de vinda em massa destes estrangeiros ao país, isto é, desde a sétima década do século XIX, até posteriormente a Segunda Grande Guerra. Certamente o impulso econômico foi o responsável por estas chegadas de trabalhadores, mas devem-se também considerar providências incentivadoras tomadas pelo Estado, pois, entre 1896 e 1907, São Paulo foi o único Estado a adotar medidas de atração de imigrantes. Assim ocorreu que, entre 1877 e 1900, a época de maior afluxo de italianos para o país, estima-se que aproximadamente 60% destes viviam no Estado.

De todos os estrangeiros entrados no Estado de São Paulo, entre 1885 e 1934 – – 2 333 217 pessoas – os italianos eram 929 802, ou seja, cerca de 40% do total[3].

A cidade de São Paulo, em pouco tempo, transformou-se de pequeno centro regional em uma capital cosmopolita, na qual os estrangeiros perfaziam 60% de sua população. Isto em 1890, ano para o qual não se dispõe de uma efetiva avaliação do

[3] As informações que serviram de base para a coleta destes dados encontram-se no site do Memorial do Imigrante (disponível na internet em: <http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br/historico/e6.htm>).

número de italianos na cidade. Porém, é sabido que em 1920, os italianos significavam 35% da população da cidade, e numa cifra redonda contavam 600 mil habitantes. Já era então possível ver traços de italianidade por todas as partes.

Em 1924, Giuseppe Martinelli deu início à construção de um prédio, num grande terreno na então área mais nobre da capital, que atingiria 30 andares e se tornaria um cartão postal da cidade. Nas obras trabalhavam mais de 600 operários e 90 artesãos especializados, sendo a grande maioria conterrânea do empreendedor. Mas, empresários e trabalhadores braçais, passando por artesãos refinados, empregados de escritório, vendedores de insumos, enfim considerando os mais variados tipos de ocupações exercidas pelos italianos, e a consequente posição social desfrutada no seio da comunidade, não estava de acordo sobre como a figura de Garibaldi contribuía para a satisfação de suas aspirações políticas e culturais. Pelo contrário, divergiam profundamente. Ou melhor, em termos dispostos por Roland Barthes[4], concordavam com um *significante* comum, mas elaboravam um diferente *signo* para construir um *significado* favorável ao projeto político específico de cada grupo.

1. O imigrante italiano como "elemento subversivo", os socialistas e o mito de Garibaldi

Os dados estatísticos disponíveis indicam que consideradas todas as entradas de imigrantes no Brasil, desde o início do processo massivo de vinda de estrangeiros, isto é dos anos 1870 até os 1960, os três maiores grupos se constituíram nos italianos, portugueses e espanhóis, nesta ordem. Embora para o Estado de São Paulo, no mesmo período, possa-se também fazer igual afirmação, para épocas específicas os números indicam outra conformação. Assim é que, para o Estado, entre os anos 1910 e 1960, o grupo nacional que forneceu maiores contingentes não foi o dos italianos, mas o dos portugueses. Sob um total de 1 552 837 imigrantes entrados no período, enquanto os italianos e os espanhóis representavam aproximadamente 18%, cada um dos grupos, os portugueses ascendiam a quase 30%.

Num raciocínio simplista poder-se-ia inferir que estando presentes em maior número, numa época de repressão às atividades políticas dos estrangeiros, aparecessem não os italianos, mas os portugueses com maiores contingentes entre os perseguidos e prontuariados pela polícia política, num intervalo de datas semelhante ao citado. Mas, não é isto o que se observa quando se recorre aos números obtidos em pesquisas realizadas na documentação reunida pela Delegacia de Ordem Política e Social, o DEOPS paulista – o órgão encarregado de investigar e reprimir as propostas

[4] Conforme adiante será analisado.

e ações daqueles que se opusessem ao regime político do momento. Entre os anos de 1924 (ano de criação do DEOPS) e 1983 (ano de sua extinção), a polícia política abriu aproximadamente um total de 160 mil prontuários, entre os quais cerca de 5 400 eram de portugueses e 12 600 de italianos residentes no Estado. Embora não seja possível considerar todos os indivíduos prontuariados como contestadores do regime político em cada momento em que foram investigados, pois os motivos mais diversos davam ocasião à abertura de investigações, o problema é que grosso modo pode-se levantar a hipótese de os italianos terem causado maiores preocupações aos policiais do que, por exemplo, o contingente de portugueses nas mesmas condições. Enquanto aqueles foram investigados num porcentual de cerca de 4,5% sobre sua hipotética população total, estes preocuparam a polícia política paulista em aproximadamente apenas 1,25% do total de entrados no Estado[5].

Entre os imigrantes italianos, um dos grupos que mais atenção requereu das autoridades responsáveis pela repressão foi o de socialistas. E a eles o mito de Garibaldi estava indelevelmente relacionado.

Ser socialista para os italianos de São Paulo, sobretudo para o grupo dito reformista, não significava propugnar pela derrocada do capitalismo ou mesmo pela derrubada de governos a este regime ligados. Mas, decididamente, significava combater idéias internacionais que poderiam "contaminar" os laboriosos ítalo-brasileiros com "propostas enganadoras e antidemocráticas". Significava preservar a "colônia" italiana da influência autoritária e por isso os socialistas opuseram-se veementemente tanto à Revolução Russa e seus desdobramentos, quanto ao movimento fascista então vitorioso na Itália, a partir da década de 1920. E o fizeram tendo uma determinada imagem de Garibaldi como garantia de anti-autoritarismo.

Fazendo uma analogia com outros grupos de políticos e intelectuais italianos que militaram na imprensa paulista, e que derivavam da mesma matriz socialista, no mesmo período – recordem-se líderes tais como Edmondo Rossoni, Paolo Mazzoldi, Alceste de Ambrys ou Teodoro Moniceli – os reformistas pareceram adotar posições muito aquém dos arroubos combatentes daqueles. Porém, se constituíram em preocupação igualmente para as autoridades e, tal como outros setores da comunidade mais integrados ao *establishmet,* tiveram em Garibaldi seu representante simbólico.

A pujante presença dos italianos socialistas em São Paulo remonta às origens da organização dos trabalhadores em defesa de seus direitos. Tanto é assim que uma

[5] Evidentemente não há precisão estatística nestas observações. Ressalte-se que não há lógica estreita na comparação entre contingente de entradas e número de prontuariados, até mesmo porque muitos dos perseguidos pela polícia haviam chegado ao Estado em época anterior a 1924. Depois, é preciso considerar que, por terem os brasileiros nomes e sobrenomes inseparáveis dos portugueses, e por serem os documentos do DEOPS muitas vezes incompletos (isto é, sem identificação da nacionalidade), é possível que um bom número daqueles últimos não possam ser reconhecidos pela pesquisa como portugueses. Os números gerais sobre imigração foram obtidos no site do Memorial do Imigrante, supra citado.

rápida cronologia dos sucessos ligados à luta política contra a oligarquia dominante apresenta-se marcada por eventos cuja origem advém dos imigrantes italianos.

- 1900 – criação do jornal *Avanti*! e da seção paulista do Partido Socialista Italiano, PSI.
- 1902 – reunião do Congresso Socialista Brasileiro, dirigido pelos militantes do *Avanti*!
- 1904 – vem ao Brasil Antonio Piccarolo para dirigir o *Avanti*!
- 1908 – cisão no PSI paulista entre o Centro Socialista Internacionalista e o Centro Socialista Paulistano, liderado por Piccarolo que lança o livro *O socialismo no Brasil.* Um marco na história política italiana no Brasil.
- 1913 – Piccarolo lança o livro *L'emigrazione italiana nello Stato di San Paolo*, no qual defende o fluxo emigratório e a importância da presença dos italianos para a economia e política paulista.
- 1923 – início da fascistização da "colônia" paulista[6].
- 1925 – nasce a Unione Democrática que aderirá (1926) à LIDU.
- 1927 – criada a Concentração Antifascista que reúne os socialistas diante do "inimigo maior", e que servirá de modelo para a construção de um movimento antifascista brasileiro em geral.

A presença dos socialistas na imprensa italiana em São Paulo foi marcante, e diversas publicações contribuíram para os debates em torno da italianidade e da afirmação do mito de Garibaldi no seio da comunidade. Entre estas podem-se indicar: o *Avanti!,* 1900-1919, dirigida por Alceste De Ambrys, Piccarolo, Vicenzo Vacirca, Teodoro Monicelli; *Il Secolo,* 1906-1910, Piccarolo; *La Tribuna Italiana,* 1909-1910, De Ambrys; *La Scure,* 1909, De Ambrys; *La Rivista Coloniale,* 1910-1924, Piccarolo; *La Difesa,* 1923-1935, dirigida respectivamente por Piccarolo, Francesco Frola, A. Cimatti, Mario Mariani, Bixio Picciotti; *Il Risorgimento,* 1928, Piccarolo; entre outros. Estes jornais cobriram um amplo período da história da "Colônia" e a atingiam de maneira abrangente já que circulavam também no interior do Estado e em outras capitais. Nestes veículos uma profusão de matérias sobre Garibaldi preenchia o espaço simbólico desenhado para a manutenção da comunidade sob os auspícios de uma "cultura de esquerda".

---

[6] Embora F. Bertonha afirme que "é importante observar que, sem dúvida, nem fascismo nem antifascismo conseguiram conquistar completamente as comunidades italianas emigradas e que o que houve realmente foi a presença de minorias politizadas de lado a lado disputando uma esmagadora maioria não politizada..." (BERTONHA, 1994), a verdade é que as instituições italianas no Estado passaram quase unanimemente a ser dirigidas pelos fascistas ou elementos a eles simpatizantes. O antifascismo foi sempre oposição excluída dos espaços de poder: jornais, empresas, escolas, clubes e, obviamente, órgãos de representação oficial.

2. Narrativa mitológica dos socialistas italianos de São Paulo

Partindo de uma idéia de patriotismo situada num espaço metafísico inalcançável pelo pensamento experimental, e, portanto, pela crítica, os socialistas italianos de São Paulo construíram uma linguagem harmônica na qual a figura de Garibaldi exercia um papel fundamental. Estava em jogo a superação de problemas políticos enfrentados pela sua comunidade. Tal patriotismo materializava-se por meio de ações no sentido de preservação da italianidade, ações estas que desdobradas caminhariam no sentido da longa travessia da fronteira do capitalismo, adentrando o aspirado mundo do socialismo. Para velar por esta viagem, uma divindade deveria ser invocada e imitada, o Garibaldi. Seus passos oportunamente mimetizados levariam ao encontro do caminho acertado para o futuro. Entretanto, haveriam de ser ultrapassados obstáculos neste rumo à realização da história: os fascistas funcionaram, nesta narrativa simbólica, como os criadores de percalços presentes em toda a fabulação épica. Assim, teceram os socialistas sua tarefa hercúlea diante da hidra de Lerna do capitalismo e suas cabeças nefastas constituídas pelas ditatoriais ações do dissimulador fascismo, que por vezes procurava valer-se do mesmo herói e da mesma italianidade. Era preciso então demarcar bem o terreno da democracia, não permitindo uma apropriação indevida da simbologia estruturadora da identidade italiana.

Vejamos de forma objetiva como no discurso para a comunidade apareciam na imprensa socialista, ao longo das primeiras décadas do século, estes elementos constitutivos do esquema semiológico.

2.1. Sentimento patriótico

Il Secolo, em 23 de Junho de 1909, apresentava o patriotismo como um sentimento inatingível pelos fatos da vida social e política, colocando-o mesmo acima das convicções socialistas e de certa forma como mais puro no sentido de igualar as pessoas:

> "O sentimento patriótico teve sua função histórica, depois degenerou; assim como o internacionalismo proletário e socialista teve o seu momento com a Internacional... Mas este último foi longe demais ao negar a Pátria e confundir o patriotismo interesseiro e festivo com aquele invencível sentimento de afeto que cada homem tem pelo país que o viu nascer, no qual encontrou educação, do qual carrega inconscientemente junto com sua alma as tradições do passado e as aspirações de futuro".

Caminhando de forma imperceptível este sentimento abarcava a todos e, mesmo inconscientemente, a todos dizia respeito:

> "Há momentos na vida dos povos em que um ideal pode-se transformar em situações reais... (por meio) de uma atividade milagrosa que cria a energia heróica dos espíritos e suscita o prodígio imortal da fortuna... (Na Itália de Garibaldi desenvolveu-se um sentimento) que se exerceu, em homens ainda inconscientes, como um longo fermento, lento... o gérmen dos séculos que fecundou no subsolo da vida, que expandiu a força de raízes subterrâneas"[7].

Desta maneira, no discurso socialista, a italianidade deveria aparecer acima das divisões políticas. Quando ainda se discutia a participação dos representantes da comunidade que estariam presentes à inauguração do busto de Garibaldi, acima referida, *Il Secolo*, 22 de Junho de 1909, observava: "Nós nos alegramos com o acontecido... como fazemos sobre qualquer afirmação de italianidade". Mas na iminência da dissolução do Comitê Popular encarregado das comemorações, e na formação de apenas um grupo restrito de autoridades para animar a festa patriótica, o jornal se opunha e invocava o herói como garantia da igualdade de todos perante o altar da pátria:

> "Trata-se de um Comitê de todos, sem distinção... (pois as comemorações) referem-se a uma verdadeira e própria demonstração de italianidade, sem distinções de grupos... Diante de Garibaldi não se devem fazer distinções de tal forma que todos os homens honestos, todos os que verdadeiramente se sintam imbuídos do espírito do próprio país e das responsabilidades pela humanidade, pela liberdade e pela justiça devem estar unidos"[8].

2.2. Garibaldi, herói ou santo

O veículo da realização do patriotismo se constituía na presença simbólica do herói, intermediando as relações entre a "colônia" italiana e sua pátria de adoção:

> "Outro indício certo do afeto e do amor que Garibaldi mantinha pelo Brasil foi o poncho, esta vestimenta própria do Rio Grande do Sul, que ele continuou a vestir até seus últimos dias. O vestia justamente no dia 18 de Abril de 1861, quando pela 1.ª vez entrou na Câmara italiana para a histórica e tumultuada sessão na qual discutiu a sorte do exército meridional... Garibaldi, soldado da liberdade, lutou pela liberdade brasileira com o mesmo afeto, com o mesmo entusiasmo, com o mesmo desinteresse com que lutou... mais tarde pela sua pátria, a Itália"[9].

---

[7] *Il Secolo*, 2 de Junho de 1910.
[8] *Il Secolo*, 29 de Junho de 1909.
[9] *Il Risorgimento*, 1.º de Junho de 1928.

Por vezes o papel do herói ganhava objetiva sacralidade na defesa de um patriotismo alargado, no caminho da projeção de um discurso socialista humanitário:

> "Garibaldi é um santo da nova civilização... sagrado não apenas para os italianos que tiveram a sorte de tê-lo como compatriota, mas de todos os homens que cultuam a liberdade e a justiça... (Distinguia-o) o amor visceral pela humanidade... (que) de onde o chamasse ele não deixava de acorrer: de Salto no Rio Grande do Sul, das margens do Prata até as encostas da região de Dijon, a sua vida inteira foi um hino de amor à humanidade"[10]. "No altar da pátria Garibaldi sacrificou tantas vezes o amor próprio"[11]. "Cavaleiro da humanidade... chamam-no assim por causa de sua generosidade doce, às vezes quase infantil, que o tornava atencioso diante da desventura dos povos e dos simples, e o lançava na luta desinteressadamente. Sempre contra a prepotência, contra o arbítrio, contra a injustiça"[12].

2.3. Socialismo patriótico como solução teleológica

Imaginando um desdobramento contínuo do mitificado espírito italiano, ao longo da história recente do país – que no século XIX tomara a forma das lutas patrióticas pela unificação, condensadas na trajetória política de Giuseppe Mazzini, e na atuação heróica de Garibaldi – os socialistas italianos de São Paulo acreditavam estar, no século XX, diante de um novo giro da roda da história, no qual lhes caberia produzir a etapa seguinte do processo.

O período do *risorgimento* reunira Mazzini como o cérebro, o estrategista do aproveitamento da sabedoria em favor da justiça e igualdade social, e Garibaldi como o campeão do amor à humanidade e à liberdade. Cérebro e alma do recente passado revolucionário, assim se referia *Il Secolo*, de 8 de Abril de 1910, às duas personagens. E, em edição pouco posterior, afirmava:

> "Estes homens viveram uma crise sublime que recuperaria, por meio de provações terríveis, o lugar da Itália no mundo... Da velha terra italiana nascia uma estirpe garibaldina, estirpe legendária que com seu sangue nutriu a história e criou uma nova Itália"[13].

No período contemporâneo, a solução histórica do manifesto destino italiano, se realizaria mediante a adoção do projeto socialista, tal como intelectuais militantes de

[10] *Il Secolo*, 2 de Junho de 1909.
[11] *Il Secolo*, 29 de Junho de 1909.
[12] *La Difesa*, 2 de Junho de 1929.
[13] *Il Secolo*, 2 de Junho de 1910.

São Paulo estavam propondo. Por esta razão, o novo herói dessa travessia para o mundo da justiça e da bem-aventurança, carregado da missão de seus grandes precursores, seria o deputado do PSI Giacomo Matteotti, covardemente assassinado pelas hordas fascistas, em Junho de 1924, após veemente denúncia de fraude nas eleições italianas. A associação entre Matteotti e Garibaldi surgiu evidente nas páginas do jornal dos socialistas:

> "Descuidado com a vida, desprezando os perigos, tal como em outro campo Matteotti... Garibaldi é a antítese dos velhacos que governam a Itália. Por isso os exilados de todos os partidos inclinam-se diante de sua figura milagrosa e saúdam neles expressões fulgurantes do heroísmo humano"[14].

Assim como Garibaldi fizera no passado – asseverava o jornal *L'Italia, giornale degli uomini liberi*, em 2 de Junho de 1932 – Matteotti agora indicava o caminho para o futuro,

2.4. O inimigo fascismo

Completando a lógica narrativa imaginada para a libertação da comunidade, e apontando para a realização do esperado futuro auspicioso, a tarefa que se impunha para realização da história consistia em derrotar o inimigo fascismo no campo dos sentidos políticos e seus valores.

Objetivamente era preciso impedir que os camisas negras e Mussolini se associassem à imagem de Garibaldi, pretensão esta presente na utilização pelos fascistas do apodo Duce, que anteriormente fora atribuído ao herói. Por isso, os socialistas julgaram fundamental demarcar as diferenças no método de ação dos dois líderes:

> "Defendamos Garibaldi: o verdadeiro Duce, depois de ter livrado quase toda a Itália meridional do jugo borbônico, diante da possibilidade da guerra civil, pela unidade italiana... fez a grande doação do reino da Itália ao monarca. O falso Duce, invadido pela louca mania do domínio, ao contrário criou e fomentou uma guerra civil entre uma minoria armada e quase todo o povo. Agora, o ditador volta-se para o penhasco de Caprera... Permitirá o povo que... (os fascistas) ofendam o nome de Garibaldi para incitar os delírios de suas legiões...? Permitirá... que profanem o nome... daquele que saudou o socialismo como o sol do futuro?"[15].

Na Itália, os fascistas propunham explorar simbolicamente a sua pretensa relação com Garibaldi promovendo o translado das cinzas de Anita da cidade de Nice à de

[14] *La Difesa*, organo settimanale degli uomini liberi, 2 de Junho de 1929.
[15] *La Difesa*, 27 de Janeiro de 1932.

Gênova, e depois, em grande marcha comemorativa, levá-las triunfalmente a Roma. A fim de impedir este espetáculo, mas considerando suas tênues forças para interferir no desempenho do governo italiano, o jornal *La Difesa* publicou apelos ao povo e às autoridades brasileiras para que impedissem a espoliação da memória da mulher brasileira de Garibaldi. A convocação aos brasileiros vinha de Alceste de Ambrys, então radicado na França: "Não lhes parece necessário, ou melhor obrigatório, arrebatar dos chacais o nome e a pura glória de Anita, a brasileira morta pela Itália...?"[16]. E posteriormente aparecia reiterada em primeira página: "Para que os fascistas encenem manifestações... a generosa Mulher e o Cavalheiro da Humanidade não podem sofrer ofensas assim caluniadoras"[17].

Conclusão – Esquadrinhando a narrativa

Raoul Girardet explica, em seu clássico *Mitos e mitologias políticas*, que "o mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente... Esse papel de explicação se desdobra em um papel de mobilização...".

Foi realmente em função dessas três dimensões que o mito de Garibaldi, para os socialistas de São Paulo, se estruturou. Foi uma *fabulação* no sentido do aproveitamento de uma personagem a ser desenraizada do real, mas não significou incapacidade argumentativa do discurso socialista ou demonstração de uma "intelectualidade imperfeita", ao contrário. A mitificação do Garibaldi pelos socialistas representou o aproveitamento de uma coerência simbólica capaz de exprimir em nível mais profundo de entendimento o amor patriótico, considerado como uma linguagem poética autônoma e sobreposta aos discursos lógicos dos argumentos. Apresentou-se como um sentimento paralelo ao pensamento racional. Uma metafísica.

Foi também uma *explicação*, até mesmo em duplo sentido. Por um lado, tornava inteligível a relação entre imigração e manutenção da *italianidade*, mantendo no nível simbólico a relação íntima com a Itália real, pois "Garibaldi lutou por todos os italianos, em todos os lugares". Mas explicou também o projeto socialista adotado, já que "Garibaldi foi o generoso lutador pela humanidade"[18].

Finalmente o Garibaldi imaginado, fabulado, colocado fora do tempo e do espaço, *mobilizou* politicamente o imigrante, impulsionando-o a agir na superação de suas diferenças regionais e do duro mundo cotidiano da colônia. O tempo de investimento

[16] *La Difesa*, 30 de Janeiro de 1932.
[17] *La Difesa*, 1 de Março de 1932.
[18] GIRARDET, 1987: 13.

numa comunidade italiana fora da Itália poderia, então, ser entendido como um tempo sagrado, de realização direta de seu destino universal.

Sua representação reuniu a todos num altar simbólico da pátria que concentrou as glórias italianas e, no caso dos embates socialistas de São Paulo contra o fascismo, que aqui então estava sendo implantado, alimentou as forças para mobilização contra os limites do capitalismo paulista, então dominado por elites exploradoras, das quais também seus conterrâneos faziam parte.

No caso dos fascistas e de seus objetivos de conquista da colônia paulista, o mito de Garibaldi jogava um papel bem diferente do que para os socialistas: para os irados camisas negras, Garibaldi forneceu uma justificativa para adoção de uma *italianidade* apoiada nos valores da bravura e da dominação violenta, combustível necessário para a exclusão de meios e objetivos democráticos.

Como observou Roland Barthes[19], a lógica do mito não se traduz em uma fala qualquer, mas numa linguagem, numa narrativa. Como tal, a linguagem a propósito de Garibaldi não conheceu apenas uma significação, um signo, para usar a terminologia do citado autor. Mantendo o significante Garibaldi e lhe atribuindo um significado semelhante – o herói, o vingador, o intimorato – fascistas e socialistas construíram diferentes signos para o líder da *italianidade*. Apresentar esta disputa simbólica pareceu-nos desvendar parte significativa da história, tanto dos italianos como do próprio Estado de São Paulo.

Fontes e Bibliografia

Bibliografia

BARTHES, Roland, 1978 – *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel.

BERTONHA, Fábio, 1994 – *O antifascismo socialista italiano de São Paulo nos anos 20 e 30.* Dissertação de mestrado apresentada na UNICAMP.

CARLYLE, Thomas, 1963 – *Os heróis* (*On Heroes and Hero Worship and the Heroic in History*). S. Paulo: Melhoramentos.

CONSTANTINO, Núncia S. de, 2007 – "Memória de Garibaldi e a construção da identidade entre italianos no Rio Grande do Sul", in BARROS FL., O. – *Os caminhos de Garibaldi na América*. Porto Alegre: Laser Press C..

GIRARDET, Raoul, 1987 – *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia das Letras.

[19] BARTHES, 1978: 131 e seguintes.

HECKER, Alexandre, 1989 – *Um socialismo possível: a atuação de Antonio Piccarolo em S. Paulo*. S. Paulo: TA Queiroz.

HEGEL, 1990 – *A Razão na História: uma introdução geral à filosofia da história*. São Paulo: Ed.Moraes.

Memorial do Imigrante. Disponível na internet em: <http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br/historico/e6.htm>.

RIOSA, Alceo, 1993 – *Miti contemporanei: socialismo e nazionalità*. Milano: CUESP.